

As Margens da Inclusão: Debates Contemporâneos

As Margens da Inclusão: Debates Contemporâneos

Janaína Dória Líbano Soares

Susana Engelhard Nogueira

Organizadoras



Rio de Janeiro

Outubro/2011

As Margens da Inclusão: Debates Contemporâneos

Copyright © 2011 Janaína Dória Libano Soares e Susana

Engelhard Nogueira

Todos os direitos são reservados no Brasil



As AUTORAS responsabiliza-se inteiramente pela originalidade e integridade do conteúdo da sua OBRA, bem como isenta a EDITORA de qualquer obrigação judicial decorrente de violação de direitos autorais ou direitos de imagem contidos na OBRA que declara sob as penas da Lei ser de sua única e exclusiva autoria.

PoD Editora

Rua do Catete, 90 / 202 • Catete – Rio de Janeiro

Tel. 21 2236-0844 • www.podeditora.com.br

atendimento@podeditora.com.br

Diagramação, Impressão e Acabamento:

Control C – Impressos sob Demanda

Revisão:

Monique Fernandes da Silva

Arte da Capa

Adriano Teodoro

Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico, fotocópia, gravação, nem apropriada ou estocada em banco de dados sem a expressa autorização das autoras.

CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

M281

As margens da inclusão: debates contemporâneos / Janaína Dória Libano Soares, Susana Engelhard Nogueira, organizadoras. - 1.ed. - Rio de Janeiro : PoD, 2011.

164p. : il.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-62331-50-3

1. Menores - Brasil - Condições sociais. 2. Exclusão social - Aspectos da saúde. 3. Exclusão social - Aspectos morais e éticos. 4. Psicologia social. 5. Direitos das crianças - Brasil. 6. Direitos dos adolescentes - Brasil. I. Soares, Janaína Dória Libano. II. Nogueira, Susana Engelhard

11-6012.

CDD: 305.230981

CDU: 316.346.32-053.2

13.09.11 15.09.11

029545

Prefácio

*Alexandre Ferreira de Mendonça*¹

Uma das contundentes contribuições de Michel Foucault² para o pensamento contemporâneo é o convite ao exercício de certa suspeita sobre nossas práticas e sobre nossos saberes. O que fazemos, o que pensamos, o que aprendemos, o que ensinamos, o que difundimos e desejamos atende a que propósitos e interesses? Instauram ou alimentam que tipo de relações de poder? Promovem ou não que modo de relação com a vida? Aqueles que se envolvem com a formação de profissionais na área de saúde talvez se debatam no mínimo duplamente com tal sorte de questões já que são atravessados por práticas e saberes de caráter pedagógico e, através deles, são atravessados também por práticas e saberes ligados à suposta promoção da saúde.

O horizonte de possíveis respostas às quais nos induz Foucault é no mínimo inquietante e deriva de conclusões polêmicas apresentadas por vezes de modo provocativamente taxativo:

- a emergência do capitalismo está ligada a um regime disciplinar, cujo principal efeito é a produção de corpos/ subjetividades úteis e não resistentes;
- a Família, a Escola e a Fábrica (hoje diríamos a Empresa), tanto quanto a Prisão, o Hospital ou o Hospício se constituem como instituições disciplinares, como elementos que integram um processo de normalização das maneiras de ser;
- as ciências modernas em geral – pouco importa se exatas, naturais ou humanas – a pretexto de veicular verdades, tomam parte na produção de normas e de dispositivos de normalização.

¹ Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UFRJ. Possui mestrado em Filosofia (UERJ) e doutorado nesta mesma área de atuação (UFRJ).

² FOULCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1987.

De suas análises críticas, a norma emerge como modelo de identidade a partir do qual organizamos nosso pensamento e nossas intervenções. Verdadeiro centro ou eixo orientador é a norma que, segundo tal perspectiva, funciona como princípio a partir do qual se pensa e se desqualifica o que dela difere, e que passa a ser concebido então como desvio a ser combatido e preferencialmente corrigido. O processo de normalização não se dissocia, portanto, de um processo de marginalização; expurga-se para as margens aquilo que não interessa à manutenção, aprofundamento ou intensificação dos fluxos correntes.

Mas, com isso, as margens tendem a ser povoadas por forças no mínimo resistentes, por vezes, criadoras e mesmo ameaçadoras. Não é à toa que o processo de normalização também coloca em jogo todo tipo de estratégias de dissolução destes focos perturbadores. Tais estratégias tendem a oscilar entre a correção ortopédica (Foucault chega a criar a expressão “ortopedia social”) e a flexibilização da norma que, estendida, passa então a incorporar o que antes lhe ameaçava. Em todo o caso, as margens continuam sendo pensadas a partir do que é tomado como centro, a diferença continua sendo pensada a partir de um modelo que ingenuamente somos levados a tomar por natural.

Boa parte de nossas práticas de ensino, boa parte de nossas práticas de promoção da saúde procedem dessa maneira. A negativização do que se considera ignorância ou a desqualificação de uma série de discursos não reconhecidos, assim como a patologização de variados estados de vida qualificados como doentios servem de base para uma série de intervenções de pretensões pedagógicas ou sanadoras, que, por contraste, forjam sua própria positividade.

Mas há outra maneira de operar o pensamento e conduzir nossas práticas, que consiste em não pressupor qualquer espécie de centro, qualquer tipo de modelo e em previamente conferir positividade a certas existências singulares, irreduzíveis à norma, irreduzíveis ao esquema central x marginal – tal como sugere a imagem da terceira margem do rio criada por Guimarães Rosa- uma outra margem à margem das margens.

As chamadas práticas de inclusão podem assim assumir sentidos radicalmente distintos: subjugamos a diferença ao modelo ou contribuímos secundariamente para a dissolução do modelo através de atividades cuja ênfase consiste, primeiramente, em sublinhar ou mesmo criar

o que seriam possíveis configurações para as forças presentes em outras formas de vida? Negamos a diferença e afirmamos o modelo ou tentamos driblar o modelo e investir na afirmação da diferença em si mesma?

Essas são algumas das questões que gostaria de partilhar com aqueles que de alguma maneira se envolveram com os trabalhos aqui apresentados e também com seus futuros leitores.

Sumário

Prefácio	5
	<i>Alexandre Ferreira de Mendonça</i>
Apresentação	11
	<i>Janáina Dória Líbano Soares e Susana Engelhard Nogueira</i>
Parte I Crianças e adolescentes em situação de trabalho	17
Capítulo 1 Alguns apontamentos sobre risco e vulnerabilidade na infância e adolescência.....	19
	<i>Susana Engelhard Nogueira</i>
Capítulo 2 Contribuições do Projeto “Lentes que Aproximam” para o levantamento de aspectos socioemocionais de crianças participantes do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil em dois pólos na zona oeste do Rio de Janeiro	29
	<i>Susana Engelhard Nogueira Claudia dos Anjos Neto Freitas Cristiane Pereira dos Santos Marina de Souza Villas Bôas Moreira Monique Cristine Silva de Almeida</i>
Capítulo 3 Com a palavra... Um participante do projeto Lentes que Aproximam	44
Parte II Adolescentes autores de ato infracional	47
Capítulo 4 O Choque das Instituições: a escola na internação provisória do sistema socioeducativo do Rio de Janeiro	49
	<i>Marcos Antonio da Costa Santos</i>
Capítulo 5 Oficinas pedagógicas: proposta diferenciada de currículo para adolescentes em conflito com a lei em unidade de internação provisória no Rio de Janeiro	59
	<i>Adriana Lustoza Ferreira da Silva</i>

Capítulo 6 O aumento da escolarização de adolescentes autores de atos infracionais	67
	<i>Soraya Sampaio Vergílio</i>
Capítulo 7 Estratégias de promoção de saúde em situações de risco e vulnerabilidade biopsicossocial	76
	<i>Janaína Dória Líbano Soares</i>
	<i>Jonatas da Cruz Marreiros</i>
	<i>Juli Cabral da Costa</i>
	<i>Mayara Luiz da Mota</i>
Capítulo 8 Os jovens em conflito com a lei: entre discursos e olhares..	89
	<i>Joana Garcia</i>
	<i>Adriano Teodoro</i>
	<i>Viviane do Nascimento Aquino</i>
	<i>Flávia Nunes Sena da Silva</i>
Capítulo 9 A voz e vez de Bruno... ..	104
	<i>Soraya Sampaio Vergílio</i>

Parte III Reflexões a partir da experiência de familiares de pessoas desaparecidas 107

Capítulo 10 Da “arte” macabra de desaparecer corpos.....	109
	<i>Fábio Alves Araújo</i>
Capítulo 11 Fragmentos de relatos de “familiares de desaparecidos”: saída, silêncio e voz	132
	<i>Fábio Alves Araújo</i>

Parte IV Geração de trabalho e renda, saúde mental e economia solidária 141

Capítulo 12 Saúde Mental e Economia Solidária: novas tecnologias de inclusão social.....	143
	<i>Neli Maria Castro de Almeida</i>
Capítulo 13 Com a palavra... A voz e a ação dos usuários	153
	<i>Neli Maria Castro de Almeida</i>

Apresentação

Este livro é fruto de um conjunto de reflexões e discussões que têm sido estabelecidas com base em iniciativas de professores, mestres e doutores, envolvidos em atividades de docência, pesquisa, ação e/ou intervenção, especialmente voltadas ao campo da saúde, além de profissionais colaboradores cujas experiências ou atuações significaram valiosas contribuições às inquietações e debates propostos.

Parte destas discussões surgiram no ano de 2009 com a criação de um grupo de pesquisa institucional- sediado no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), campus Rea-lengo- com a denominação de InCArT (Inclusão, Corpo, Arte e Transdisciplinaridade), o qual se encontra cadastrado no diretório de grupos de pesquisa no Brasil através da plataforma *Lattes* (ver endereço eletrônico em <http://dgp.cnpq.br/diretorioc/fontes/detalhegrupo.jsp?grupo=41034089GP1BIS>).

A partir de várias reuniões com professores e pesquisadores deste campus, ainda em um esforço inicial para a formação de uma equipe, o grupo contou com a coordenação das professoras Márcia Cabral da Costa (atualmente professora assistente do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ) e Susana Engelhard Nogueira (professora de Psicologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro - IFRJ). Formalizou-se, então, a criação de uma equipe de pesquisa voltada para o estudo de grupos em situação de risco, vulnerabilidade e/ou desvantagem social com o intuito de intensificar a discussão sobre inclusão e também, de modo complementar, avaliar os efeitos do uso da arte e do corpo como dispositivos de reabilitação biopsicossocial por meio de metodologias transdisciplinares. Para atingir tais objetivos, o grupo tem contado com duas linhas específicas de pesquisa: 1) CACTTO (Corpo, Arte e Clínica Transdisciplinar em Terapia Ocupacional); e 2) Processos de inclusão em situações de risco e vulnerabilidade biopsicossocial. Os

dados apresentados e discutidos nesse livro representam, em sua maior parte, produções oriundas da implementação de diferentes projetos coordenados por professores envolvidos na segunda linha de pesquisa, com o objetivo principal de identificar, acompanhar e avaliar grupos em situações de risco e vulnerabilidade biopsicossocial, desenvolvendo estudos sobre as metodologias e as estratégias transdisciplinares para a promoção de saúde e inclusão social.

Apesar do surgimento da publicação ocorrer dentro do nicho especial de pesquisa já mencionado, é preciso esclarecer que seus textos não tratam diretamente sobre inclusão ou teorias relacionadas a este conceito de modo isolado. Os diferentes segmentos e capítulos aqui organizados, apesar de independentes, têm em comum o fato de abordarem temas polêmicos que envolvem sujeitos sociais os quais, mesmo sendo diversos e ao mesmo tempo tão singulares, experimentam uma relativa “invisibilidade” social ao terem negligenciados os seus direitos, saberes, desejos, oportunidades e, muitas vezes, tudo aquilo que lhes há de mais caro e imprescindível: suas histórias e existências.

Neste território de múltiplas fragilidades no qual as ideias de risco e vulnerabilidade parecem coexistir e prevalecer, torna-se senso comum para grande parte da população deparar-se com dados publicados em pesquisas, noticiários, jornais e revistas, e experimentar sentimentos de descrédito, repulsa, medo e até indignação perante temas de sofrimentos sociais diversos. É para “conversar” com estes sentimentos que os textos apresentados neste livro buscam trazer à tona elementos e discussões sobre questões delicadas, mas inegavelmente reais, que têm desafiado nossas compreensões, discussões, ações, intervenções e responsabilidades junto à sociedade. A partir de debates sobre diferentes dados oriundos de projetos de pesquisa ou de iniciativas promovidas por vários profissionais colaboradores, a principal indagação que permeou a implementação dessas propostas e a reunião desses textos foi a seguinte: como nossas ações podem contribuir para modificar a cena de “invisibilidade” que envolve diferentes grupos, considerando-os como alvo de atenção, cuidado, respeito e solidariedade?

Com base nesse questionamento incômodo, espera-se que esta publicação seja útil e interessante a alunos, professores, profissionais

de diferentes áreas e a todos aqueles interessados em conhecer, discutir e refletir sobre as temáticas abordadas no livro, além de atuar nas áreas às quais essas temáticas se relacionam.

Essa é uma obra resultante do anseio coletivo deste grupo de professores- pesquisadores- contestadores, em busca da consolidação e garantia dos direitos fundamentais dos indivíduos envolvidos em situação de risco e vulnerabilidade. O livro versa sobre quatro linhas temáticas de discussão: Crianças e Adolescentes em situação de trabalho; Adolescentes autores de ato infracional; Pessoas desaparecidas e Saúde Mental e Economia Solidária.

A Parte I, intitulada *Crianças e adolescentes em situação de trabalho*, apresenta uma discussão introdutória sobre esta temática, partindo de uma breve revisão teórica sobre risco e vulnerabilidade, sendo destacadas as contribuições de diferentes pesquisas brasileiras publicadas nos últimos anos. Levanta ainda o papel da resiliência em contextos de desenvolvimento específicos, sobretudo aqueles que envolvem elementos críticos de análise, como pobreza, experiências no contexto de rua, precarização e inicialização do trabalho infantil, especialmente em cenários de zona urbana. De modo integrado, este segmento do livro aborda ainda os resultados do projeto de pesquisa “Lentes que Aproximam” (Nogueira, 2009), cujo principal objetivo foi levantar e discutir as características de autoestima, qualidade de vida e expectativas futuras de um grupo de crianças e adolescentes que participavam do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) em polos da zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. Dados deste estudo apontaram que, apesar das adversidades experimentadas, o grupo manteve diferentes expectativas para o futuro, muitas inclusive relacionadas à categoria trabalho, assim como positivamente preservadas as dimensões de autoestima e qualidade de vida. Dando sequência a estes dados, é apresentado um breve relato de um jovem participante do projeto. Em sua narrativa, foram levantados elementos importantes que contribuíram para a sua aproximação junto ao PETI, assim como as possibilidades e desafios encontrados nesta trajetória, sendo ainda resgatadas algumas

de suas impressões pessoais e os impactos que estas iniciativas puderam apresentar de modo alternativo às experiências de trabalho infantil.

A Parte II é a seção que aborda o tema *Adolescentes autores de ato infracional*. Inicialmente se propõe uma reflexão sobre as relações institucionais entre uma unidade escolar e uma instituição de cumprimento de medida socioeducativa no Rio de Janeiro (Santos, 2009). Acreditando que a escolarização desses jovens é um passo importante para a implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente, um pouco mais de 20 anos após a sua criação, um dos objetivos da seção é apresentar o funcionamento das instituições envolvidas. Destacam-se ações e estratégias inovadoras relacionadas tanto a práticas pedagógicas diferenciadas- currículo por meio de oficinas pedagógicas - como também propostas de intervenção através de um projeto de pesquisa que visa adotar estratégias de promoção de saúde com este público alvo (Libano-Soares, 2010). Apresenta-se a mudança no perfil do adolescente infrator, através de resultados referentes a uma pesquisa realizada na Instituição em questão, que indicaram o aumento da escolarização de adolescentes autores de atos infracionais (Vergilio, 2009). Essa seção ainda apresenta o perfil de jovens em regime de semiliberdade, através dos resultados de uma pesquisa elaborada e coordenada pelo Núcleo de Estudos e Trabalhos sobre a Infância e Juventude, que subsidia a intervenção dos profissionais do Centro de Referência para Egressos do Sistema Socioeducativo.

A Parte III aborda alguns aspectos da questão do *desaparecimento forçado de pessoas*, a partir de uma perspectiva socioantropológica, levando-se em conta dois contextos históricos específicos: o primeiro refere-se ao desaparecimento como método de repressão dos regimes militares, e o segundo dá enfoque ao desaparecimento como *prática do repertório da linguagem da violência urbana*, no contexto do chamado período democrático. No primeiro contexto, a figura do desaparecido corresponde, geralmente, aos militantes políticos vítimas da repressão, enquanto os “desaparecidos” do período democrático são basicamente os moradores dos chamados “territórios da

pobreza”. O texto focaliza as experiências dos familiares dos desaparecidos, registradas em entrevistas, buscando descrever e analisar as gramáticas morais e políticas que orientam suas ações.

Na Parte IV e última seção é apresentado o Programa de Extensão *Geração de trabalho e renda, saúde mental e economia solidária: novas tecnologias de inclusão social*. São apontadas as diretrizes gerais do programa, seus objetivos e as principais questões teóricas que atravessam o seu funcionamento no âmbito de uma instituição de ensino superior pública voltada para o campo da saúde. A partir da aproximação entre os campos da atenção psicossocial e da economia solidária, discute o impacto da doença mental nas relações familiares e as estratégias para ampliar as oportunidades de inclusão social pelo trabalho. Para fins de ilustração, a seção também apresenta projetos de geração de renda, arte e cultura, buscando dar visibilidade à capacidade laborativa e criativa dos usuários da rede de saúde mental.

O principal diferencial desta obra é possibilitar que os leitores se aproximem da realidade dos indivíduos, sempre alvo de críticas ou considerações, mas pouco ouvidos pela sociedade. Portanto, nos últimos capítulos de cada seção, demos VOZ a eles, quando revelamos alguns depoimentos, produções ou relatos.

Vale destacar ainda que, além do corpo docente envolvido diretamente com todos os projetos vinculados ao InCarT e de diferentes profissionais colaboradores, grande parte das propostas implementadas contaram (e ainda contam) com a participação e contribuição de vários alunos de cursos de graduação (internos e/ou externos ao IFRJ), bolsistas do Programa de Iniciação Científica e Tecnológica do IFRJ (PIBIC-IFRJ e PIBIC/CNPq) e voluntários cadastrados no Programa Voluntário de Iniciação Científica (PIVICT/ IFRJ).

Agradecemos o apoio institucional concedido pelo Programa de Iniciação Científica e Tecnológica do IFRJ, que através de processo seletivo permitiu que nossos projetos fossem contemplados com bolsas de iniciação científica e tecnológica (IFRJ/CNPq). Mas principalmente ao Programa Institucional de Incentivo à Produção Científica, Tecnológica e Artístico-Cultural (PROCIÊNCIA 2010), que através de processo seletivo interno proporcionou cotas de auxílio a elementos de despesa de cus-

teio, investidas aos nossos projetos de pesquisa. Trata-se de recursos da matriz orçamentária do IFRJ, referentes à rubrica de atividades de pesquisa e de pós-graduação desta instituição, gerenciados pela Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-graduação (PROPPi). O recurso visa a contribuir com a melhoria da qualidade do desenvolvimento da pesquisa, especialmente aquela relacionada aos programas institucionais de iniciação científica e tecnológica da instituição. Foi, sem dúvida alguma, o PROCiência que nos permitiu oferecer este livro a você, leitora e leitor.

Convidamos todos à reflexão e à ação, compartilhando a observação de nossas experiências, sustentando o olhar aos sujeitos de direitos (e deveres) e principalmente trazendo a MARGEM para a INCLUSÃO.

Rio de Janeiro, outubro de 2011.

*Janaína Dória Libano Soares
e Susana Engelhard Nogueira*